



DRUMMOND E A LÍRICA MINEIRA: O DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO
DRUMMOND AND THE LYRICS MINEIRA: THE DIALOGUE WITH TRADITION

Sônia Pereira Dias¹

Recebido em: 30 jun. 2018

Aceito em: 29 jul. 2018

DOI 10.26512/aguaviva.v3i3.22157

RESUMO: O presente trabalho tem como propósito analisar e discutir as equivalências estilísticas de alguns poemas do livro *Versiprosa* (1967), de Carlos Drummond de Andrade, em relação às *Cartas Chilenas* (1788), de Tomás Antônio Gonzaga, tendo como finalidade constatar a essência poética de elementos e fatores que evidenciem a presença ou a aproximação das técnicas de escrita, de estilo e de expressão da linguagem que o poeta arcade utilizou e se fazem presentes em *Versiprosa*.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; Tomás Antônio Gonzaga; Estilo.

ABSTRACT: The present work is to analyze and discuss the stylistic equivalence of some poems of book *Versiprosa* (1967), of Carlos Drummond de Andrade, in relation to *Chilean Letters* (1788), of Tomás Antônio Gonzaga, with the purpose to observe the poetic essence of elements and factors that demonstrate the presence or approach of writing techniques, style and expression of the language used and the Arcadian poet are present in *Versiprosa*.

Keywords: *Carlos Drummond de Andrade; Tomás Antônio Gonzaga; Stylo.*

Ao analisarmos os livros literários *Cartas Chilenas* (1788), de Tomás Antônio Gonzaga e *Versiprosa* (1967), de Carlos Drummond de Andrade, e tomando como embasamento teórico de nossa pesquisa o livro de Letícia Malard, *No vasto mundo de Drummond* (2005), verificamos que há em *Versiprosa* uma releitura de *Cartas Chilenas*. Essa releitura é constatada em poemas e poesias² de *Versiprosa* (1967), onde ocorre a

¹ Possui graduação em Letras/Português (2012) e Mestrado em Letras/Estudos Literários (2015), ambos pela Universidade Estadual de Montes Claros (UniMontes). E-mail: soniapereiradias@hotmail.com

² “O poema é poesia e, além disso, outras coisas. [...] O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – e nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta. As palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por um lado, são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são algo datável. Por outro lado, são anteriores a toda data: são um começo absoluto. Pode



reprodução da estrutura poética de *Cartas Chilenas* (1788), assim como elementos no corpo do texto que se assemelham aos dessa obra, como, por exemplo, o uso de interrogativas diretas e de vocábulos que fazem referência a uma determinada pessoa. Esses recursos expressivos permitem que o escritor se aproxime de seu leitor e estabeleça com ele um diálogo.

Entretanto esses livros literários e seus autores não pertencem ao mesmo contexto histórico, social e cultural. Mas, apesar de estarem muito distantes um do outro, os conteúdos de seus versos abordam um mesmo assunto, o contexto político e social a que são contemporâneos.

As *Cartas Chilenas* são manuscritos que surgem nos fins do século XVIII, e publicadas a partir da segunda metade do século XIX. Na verdade, é um somatório de treze cartas que Tomás Antônio Gonzaga, sob o pseudônimo de Critilo, escreve a seu amigo, Cláudio Manuel da Costa, identificado nas cartas sob o pseudônimo de Doroteu, essas cartas foram escritas entre 1783 a 1788. Critilo escreve de Santiago do Chile, e envia as missivas a Doroteu, na Espanha, onde a principal figura que ele crítica e satiriza é o então governador Fanfarrão Minésio e seus bajuladores, Robério e Matúsio. Na realidade, Tomás Antônio Gonzaga, escreve essas cartas para a sociedade letrada da época. A cidade é Vila Rica, capitania de Minas Gerais, as sátiras expressas nas missivas são dirigidas ao governador Luís da Cunha Meneses, e seus subalternos, Roberto Antônio de Lima, promovido a sargento-mor do Terceiro Regimento de Cavalaria Auxiliar, e, José Antônio Matos, oficial maior da Secretaria de Governo da capitania. O poeta institui uma aversão ao governador, após os abusos, injustiças e improbidades administrativas que este opera na colônia, mostrando ser uma pessoa de mau caráter que não representa como deveria o rei e suas leis.

Constituindo um gênero epistolar, as *Cartas Chilenas* partem de uma escrita intimista e privada, pois, Critilo escreve a Doroteu, seu amigo, a quem confidencia o que se ocorre em Santiago do Chile, Vila Rica. Essas cartas passam, ao plano externo e público quando atingem a população letrada da sociedade, divulgando as más atitudes do

concluir-se que o poema é histórico de duas maneiras: a primeira, como produto social; a segunda, como criação que transcende o histórico, mas que, para ser efetivamente, necessita encarnar-se de novo na história e repetir-se entre os homens. [...] A poesia não se sente: diz-se. [...] A desconfiança diante da poesia está na própria índole do dizer poético que provoca o receio. Não é tanto aquilo que o poeta diz, mas o que vai implícito em seu dizer, sua dualidade íntima e irredutível, o que outorga às suas palavras um gosto de liberação. [...] A poesia parece escapar à lei de gravidade da história porque nunca sua palavra é inteiramente histórica. Nunca a imagem quer dizer isto ou aquilo. Antes sucede o contrário, como já se viu: a imagem diz isto e aquilo ao mesmo tempo. E mais ainda: isto é, aquilo” (PAZ, 1996, p. 51-56).



governador, segundo os julgamentos, descrições e opiniões de Critilo para com essa pessoa.

O poeta árcade participou efetivamente da vida política da colônia brasileira. Foi ouvidor geral de Vila Rica em 1782, permanecendo no cargo até 1788, quando foi substituído. Como Luís da Cunha Meneses foi governador da capitania de Minas Gerais entre 1783 a 1788, Gonzaga conviveu e trabalhou ao seu lado, no entanto, não foram muito amigos nestes anos, havendo algumas desavenças entre eles: “Assim, em 8 de abril de 1784, seis meses depois da posse de Meneses, portanto, o autor de *Marília de Dirceu* escrevia à rainha, já saturado de queixas sobre o representante da Coroa em Minas” (FURTADO, 1997, p. 73).

Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, dentre outros poetas, constituíam uma elite letrada da colônia, onde compuseram a escola árcade. O Arcadismo visava em sua poesia o retorno aos modelos clássicos, através da imitação de autores greco-latinos, usavam personagens da mitologia e um estilo épico na composição de seus versos, assim como o bucolismo e o pastoralismo. O Arcadismo desenvolveu um papel de sociabilidade na colônia, segundo Antonio Candido (1995):

O Arcadismo procedeu a uma relativa simplificação da linguagem literária, aumentando com isso a sua comunicabilidade. Não de modo absoluto, mas (penso no caso brasileiro) no âmbito de uma classe dominante que já manifestava sinais de inconformismo em relação ao estatuto colonial. Por isso, além da experiência literária, os poetas mineiros favoreceram uma certa consciência do valor e problemas do Brasil. Neste sentido, a mentalidade dos intelectuais de Minas é antibarroca, na medida em que assumiram certas posições avançadas do século, desenvolvendo um inconformismo que acabou em atitudes políticas de rebeldia, pois para eles tratava-se de pensar o contraste entre o estatuto colonial e as exigências de uma elite local no tocante à situação econômica e social do país (CANDIDO, 1995, p. 230).

É importante salientar que Tomás Antônio Gonzaga era ouvidor geral de Vila Rica, ao assistir as atitudes adotadas pelo governador Cunha Meneses, contrárias às leis da Coroa, escreve uma carta à rainha denunciando as arbitrariedades do governador. Gonzaga, quando escreve as *Cartas Chilenas* (1788) não ataca o Rei, a quem chama sempre de “Augusto”, e sim, o seu representante, Cunha Meneses. No entanto, as *Cartas Chilenas* (1788) foram o prenúncio de um movimento que se iniciou na colônia pela elite letrada, a Inconfidência Mineira, revolta de indignação pelos valores altos de impostos



cobrados pela Coroa, e, sobretudo, de um imposto compulsório, a derrama, em que a população deveria completar as cem arrobas de ouro anual quando esta não era atingida, uma vez que as fontes desse minério na colônia já estavam se esgotando. Gonzaga, e os outros poetas árcades, participaram ativamente da vida política, social e cultural da colônia, pois, ao escreverem seus poemas, difundiam neles uma conscientização do que se passava na colônia.

O livro *Versiprosa* (1967), de Carlos Drummond de Andrade, foi escrito entre 1954 a 1967. Os poemas que se encontram dentro deste livro foram anteriormente publicados em jornais sob a forma de crônicas. Assim como Gonzaga, Drummond também dirige seus versos à população, a sociedade.

Carlos Drummond de Andrade, também exerceu profissão em meio político, foi Chefe de Gabinete do ministro Gustavo Capanema, junto ao Ministério da Educação e Saúde, no entanto, a profissão que marcou sua vida e sua imagem junto à sociedade, foi a de escritor e poeta.

Esse poeta surge no meio artístico e cultural em 1930, quando publica seu primeiro livro de poesias, *Alguma poesia*, participando como um dos principais poetas da segunda geração modernista brasileira. As principais características deste período literário é a combinação de elementos da tradição e elementos da modernidade em seus escritos, também conciliam o nacionalismo com o universalismo. Os escritores estão inclusos nas questões sociais e políticas de seu tempo e sentem a necessidade de modificá-lo, analisá-lo e desnudá-lo através da expressividade poética. Em *Versiprosa* (1967), Drummond, reflete profundamente sobre a realidade de seu tempo, a vida e o mundo. E, expressa por meio da ironia a crítica diante de acontecimentos políticos e sociais. Assim sendo, faz uma crítica e produz uma graça intelectualizada em seus versos, que o leitor só será capaz de captá-la se tomar conhecimento do contexto histórico em que os poemas foram produzidos.

Os poemas de *Versiprosa* (1967) carregam um apelo político e social muito forte, em que o autor pretende fazer o leitor refletir sobre a realidade que o cerca, através da crítica e da ironização que faz de determinados fatos e pessoas. Em muitos poemas, o poeta cita vários acontecimentos da história política do Brasil, além de nomes de governantes, como o Ministro da Guerra, Henrique Teixeira Lott; ex-presidentes da república, como Juscelino Kubistchek, Jânio Quadros, João Goulart, além de fazer menção ao período da ditadura militar e de diversos partidos políticos. Não é só do



contexto político que se constitui a matéria dos versos de *Versiprosa* (1967), mas é o que mais sobressai, porque, durante os anos de 1954 a 1967, a história política do Brasil passou por um período conturbado e polêmico. Os acontecimentos sociais que estão ligados a sociedade são vários, como por exemplo, a favelização do Rio de Janeiro, as inundações causadas pelas chuvas nessa mesma cidade; a construção da capital federal, Brasília. Ainda, Drummond não deixa de representar em seus versos acontecimentos mundiais, como a Guerra do Vietnã, ou de citar alguns poetas ou compositores, dentre eles, Manuel Bandeira e Dorival Caymmi.

Letícia Malard em seu livro *No vasto mundo de Drummond* (2005) levanta a questão de que em *Versiprosa* constam alguns poemas ou, como ela prefere dizer, prosa versificada, que constroem uma paródia poética em semelhança às *Cartas Chilenas*. Vejamos no fragmento a seguir o que ela nos diz a respeito:

A paródia drummondiana não tem conotações políticas fortes como as da obra anônima. Imitando o estilo desta, Drummond escreve cartas para o leitor relatando e comentando fatos do momento. Não se trata de imitação grosseira, facilmente perceptível, colada no texto-matriz, tão comum nas paródias populares. A arte parodística do poeta itabirano surge nessas composições de maneira intelectualizada: fluida, evocativa, sugestiva, nem sempre apreendida pelo leitor. Drummond nos faz respirar o clima de *Cartas chilenas*, que não se materializa em determinados lugares, abstratamente. O diálogo intertextual com a obra se constrói, principalmente, nas bases estilísticas do discurso, o qual precisa ser analisado em sua globalidade. O cômico dessa paródia refinada emerge, portanto, da percepção de sinais, aqui e ali, evocativos de *Cartas chilenas* (MALARD, 2005, p. 120).

Drummond ao contrário de Tomás Antônio Gonzaga, não emite deboches e ironias diretas a uma determinada pessoa, ele faz isso nas entrelinhas do poema. A semelhança entre os dois textos é perceptível pelos elementos expressivos que utiliza para estabelecer um diálogo com o seu leitor, já que escreve a ele durante tantos anos e relata o o que está a acontecer na sociedade.

A expressividade do estilo



As relações entre a forma e a expressividade da escrita dos livros literários, *Versiprosa* (1967), de Carlos Drummond de Andrade e as *Cartas Chilenas* (1788), de Tomás Antônio Gonzaga são apreendidas através dos recursos expressivos que os poetas utilizam e do estilo que conotam semelhanças, embora sejam de períodos literários distantes.

Sabemos que a estilística é a maneira pela qual um indivíduo utiliza determinados recursos expressivos da língua para demonstrar sua sensibilidade, sua reflexão, sua subjetividade diante de certos acontecimentos. O autor, para criar seu estilo utiliza-se em sua escrita de determinados elementos para fazer-se o poético, para criar sua linguagem, como vocábulos que propõem analogias, sons e ritmos que as palavras desencadeiam e a carga semântica e lírica que desempenham na narrativa podem expressar os pensamentos, ideais, denúncias e ideologias que pretende difundir ou tornar público.

O autor não se aproveita apenas de recursos sintáticos, semânticos e estilísticos, através da voz de um eu lírico, expressa, relata uma cena, um fato, uma situação, um acontecimento. Desse modo, se constrói um diálogo com o seu leitor, o locutor propõe ao seu interlocutor sua sensibilidade e opinião diante do que é narrado e veiculado no texto.

Tomando os livros *Versiprosa* (1967) e *Cartas Chilenas* (1788) como embasamento de nossa pesquisa, mas considerando como referência o estilo e a expressividade da escrita dos diferentes autores e das diferentes obras, citamos Luigi Pareyson:

É o modo de formar, o modo de fazer arte, o modo de escolher e conectar as palavras, de configurar os sons, de traçar a linha ou pincelar, em suma, o “gesto” do fazer, o “estilo”, que introduz na obra toda a espiritualidade do artista e aí a entrega, de modo tão eloquente e definitivo [...] (PAREYSON, 1997, p. 62).

O estilo em que o autor escreve sua obra revela sua personalidade. O estilo é a forma, a estrutura, a linguagem, a emissão de voz que o escritor utiliza para compor seu texto e exprimir seus pensamentos e seus sentimentos diante de episódios, ações, atos ou descrições de pessoas. Por meio do eu lírico o poeta faz ressaltar na obra a crítica àquilo que presencia e que vivencia. Ao mesmo tempo em que revela algo, ele também se revela, deixando transparecer ao leitor suas considerações a respeito do que narra. Verificamos tais aspectos no poema “Tripé”, do livro *Versiprosa* (1967), de Carlos Drummond de Andrade, e em *Cartas Chilenas* (1788), de Tomás Antônio Gonzaga, na primeira carta, vejamos os fragmentos:



TRIPÉ

A lei – e contestá-la ninguém ousa –
do Governo era a base verdadeira.
Ele agora repousa (mas repousa?)
é no Lott, no Denys e no Teixeira.

Obra de remendão, o ofício ilustre
De governar, que exija uma tripeça?
Até o condutor, no balaústre,
Exclamará, bestificado: Homessa!

(...)

(ANDRADE, 2002, p. 529-530 [30-9-1956])

CARTA 1ª:

Ah pobre Chile! Que desgraças esperas!
Quanto melhor te fora, se sentisses
As pragas, que no Egito se choraram,
Do que veres, que sobe ao teu Governo
Carrancudo Casquilho, a quem rodeiam
Os néscios, os marotos e os peraltas
(GONZAGA, [1788], 2006, p. 41).

Observamos em ambos os fragmentos a manifestação do sentimento dos poetas sobre o fato que narram. Drummond nos versos do poema “Tripé”, conta-nos de uma situação política em que o ministro da guerra, general Henrique Teixeira Lott, faz uma aliança com o general Odílio Denys, do I Exército da Zona Militar Leste, do Distrito Federal; com esta aliança eles garantem a posse de Juscelino Kubistchek na presidência da república em 1956, por isso que em seus versos chama-os de Lei. Quanto ao conteúdo da primeira carta de Gonzaga, ele lamenta e despreza o Chefe que o Chile recebe para lhe governar, um homem vaidoso, acompanhado de outros homens pouco honrados. Assim, os poetas narram determinados episódios do que lhes é cotidiano, também, denunciam através da expressividade o sentimento que lhes consomem no momento em que contam tal fato.

A divergência dos gêneros

Os gêneros textuais a que *Versiprosa* (1967) e *Cartas Chilenas* (1788) pertencem são diferentes. Esses gêneros diferem quanto ao conceito que abarcam como ao meio em que se difundiram, citamos Mikhail Bakhtin que nos diz:



O estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso³. O enunciado – oral e escrito, primário⁴ e secundário⁵, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve) (BAKHTIN, 2003, p. 282-283).

Sendo livros literários, identificamos a individualidade e a aproximação do estilo usado por Drummond em seus poemas, e por Gonzaga nas cartas. Como conduzem o texto para a população, para o público leitor, estes escritos passam para o meio social e penetram na sociedade com suas visões de mundo.

Os poemas possuem em *Versiprosa* (1967) a forma lírica⁶, e em *Cartas Chilenas* (1788) a forma herói-cômico⁷, constituem enunciados que exprimem opiniões e que deliberam conceitos, se aproximam ora por fazerem perguntas a alguém ou iniciarem uma conversa indiretamente, chamando o indivíduo por um nome. Assim constatamos em “Relatório”, “Epístola” e “Candidatos” poemas de *Versiprosa*: “Quais são as novidades? Me perguntas” (ANDRADE, 2002, p. 525). “E veio a primavera, João, mas veio/ com este surto de gripe, que anda feio” (ANDRADE, 2002, p. 543). “São tantos candidatos! Quantos mil?! Escolher, meu amigo, é bem sutil” (ANDRADE, 2002, p. 552).

Da mesma maneira percebemos essas equivalências em *Cartas Chilenas*, citamos fragmentos da segunda e da terceira carta: “Já leste, Doroteu, a *Dom Quixote*?/ Pois eis aqui, Amigo, o seu retrato” (GONZAGA, 2006, p. 51). “E sabes, Doroteu, quem edifica/ Esta grande Cadeia? Não, não sabes:/ Pois ouve, que eu to digo: um pobre Chefe” (GONZAGA, 2006, p. 61).

³ Podemos dizer que os gêneros do discurso são composições, oral e escrita, que englobam diversos textos, como uma carta, um documento oficial, uma reprodução de uma conversa coloquial, proclamações públicas como as políticas e as sociais; e textos literários, como os romances, e científicos, como artigos, dentre outros. C.F. Bakhtin.

⁴ “gêneros *primários* (simples) do discurso incluem – a curta réplica do diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta” (BAKHTIN, 2003, p. 279-280).

⁵ “gêneros *secundários* do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – parecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários (complexos) absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” (BAKHTIN, 2003, p. 281).

⁶ “A lírica está associada à livre imaginação, onde a emoção supera o pensamento. Destacamos duas inspirações claramente distintas: uma pessoal, onde o poeta faz expressamente de si mesmo, de seus sentimentos e de suas ideias, a matéria de seus cantos, e outra geral, impessoal, na medida em que o poeta fala em nome de todos, dando uma voz comum à alma da multidão [...]. A lírica moderna se caracteriza por uma liberdade formal [...]. Podemos hoje falar de uma nova lírica, de caráter marcadamente racional. A nova lírica também vem incorporando temas sociais ao lado de temas extraídos do cotidiano” (ARAGÃO, 1985, p. 73-75).

⁷ “Para compreendermos hoje uma sátira escrita há duzentos anos é preciso lembrar a função que exercia, de tendência moralizadora muito próximo ao que é o jornalismo [...]. No século XVII, o virtuosismo literário favoreceu a elaboração duma forma nova, em que a sátira tradicional se mesclava ao burlesco e à epopéia, gerando o chamado poema herói-cômico” (CANDIDO, 1993, p. 147).



A personalidade dos poetas se concretiza na maneira de cada um escrever e se exprimir. Gonzaga utiliza as missivas, que partem do domínio íntimo, entre Critilo e Doroteu, para o domínio público, entre Tomás Antônio Gonzaga e a população do século XVIII, mantendo uma comunicação entre poeta e leitor. A escrita que o poeta árcade utiliza é singular àquela época, com verbos no presente do indicativo, se referindo sempre a segunda pessoa do discurso, tu. Pela linguagem e a escrita da produção literária serem de fins do século XVIII, às vezes, não usa o tu ou ti como pronomes, mas a forma “to”, como em *to digo*. Apesar de sua composição ser uma narrativa em versos, ela se faz de maneira linear e sem rimas, chamada de decassílabos brancos.

Drummond que escreve em outro contexto, especificamente da segunda metade do século XX, usa uma linguagem despreendida do erudito, se dirige ao leitor como a um velho conhecido, mas não apenas a uma pessoa em especial, mas a várias pessoas, umas as quais cita nome, outras lhe destina um vocativo comum, como compadre ou amigo. Apesar de sua forma lírica ser composta em diversos poemas por rimas, assim como Gonzaga, se aproxima do público por uma linguagem expressivamente popular, quase que coloquial, em nível prosaico, se tornando de fácil compreensão ao leitor, aquele leitor capaz de ler as entrelinhas.

O ponto em que os poetas se divergem é justamente o da compreensão do que está sendo dito ao leitor. Enquanto Gonzaga diz por meio de pseudônimos um acontecimento, que pelas mãos daqueles que as cartas circulam logo se desfaz o enredo da narrativa, descobrindo de quem se fala, do que se fala, do que se narra. Em Drummond, o leitor que consegue captar o sentido das palavras e o do fato narrado, é aquele que busca conhecer o contexto histórico e político que o poeta revela em seus versos, descobrindo a matéria do poema, o leitor saberá o que Drummond pretende comunicar.

A saber, *Versiprosa* (1967) é um gênero híbrido, pois oscila entre a poesia e a prosa, entre a literatura e a crônica, assim sendo, Drummond se refere ao designá-lo:

Versiprosa, palavra não dicionarizada, como tantas outras, acudiu-me para qualificar a matéria deste livro. Nele se reúnem crônicas publicadas no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*; umas poucas, no *Mundo Ilustrado*. Crônicas que transferem para o verso comentários e divagações da prosa. Não me animo a chamá-las de poesia. Prosa, a rigor, deixaram de ser. Então, versiprosa (ANDRADE, 2002, p. 508).

O próprio poeta coloca em discussão os conceitos sobre prosa e poesia, já que as fronteiras entre esses gêneros são diluídas com o advento da modernidade. Sabemos que o gênero lírico carrega elementos os quais lhe são característicos: a forma, o conteúdo e



a composição. Desta maneira, o lirismo é essencialmente poético, quer em forma de prosa quer em forma de poesia, ao expor emoções e sentimentos íntimos, transpondo aos versos a subjetividade do autor.

No livro *Versiprosa* (1967) constam crônicas de uma vida cotidiana, assim ele conta a prosa, os causos do dia a dia, porém, a prosa em *Versiprosa* (1967) está em forma de poesia, e para se contar essas histórias o autor utiliza vocábulos que denotam ironia, ao mesmo tempo em que tece um diálogo com o público leitor. A comicidade provocada pela ironia é intelectualizada, não é superficial aos olhos do leitor, fazendo com que este estabeleça um olhar amplo diante do que lhe é narrado e diante das palavras usadas pelo autor, para assim fazer inferências e encontrar possíveis leituras da realidade transcrita por meio dos versos.

Ao considerarmos que *Versiprosa* (1967) é um livro composto de crônicas, logo, podemos concluir que os poemas do livro são compostos de versos que sintetizam um flagrante da vida contemporânea a que o poeta participa. Os versos são curtos e rápidos, de linguagem simples; apesar de alguns poemas serem extensos, divididos ora por estrofes, ora seguem uma ordem linear, outros que possuem rimas ou que o poeta utiliza palavras em língua francesa para constituir uma rima final no verso. Todavia, esses poemas são de cunho crítico, denunciativos e reflexivos. Se a crônica é um gênero que oscila entre o literário e o jornalístico, o escritor encerra nela sua individualidade e episódios significativos. Segundo Massaud Moisés:

A crônica oscila, pois, entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia. [...]. E quando o caráter literário assume a primazia, a crônica deriva para o conto ou a poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo. De onde surgem os dois tipos fundamentais de crônica: a crônica-poema e a crônica-conto. [...] Enquanto poesia, a crônica explora a temática do “eu”, resulta de o “eu” ser o assunto e o narrador a um só tempo. [...]. A crônica voltada para o horizonte do conto prima pela ênfase posta no “não-eu”, no acontecimento que provocou a atenção do escritor (MOISÉS, 1983, p. 247-254).

Sendo Drummond um cronista, observamos que em *Versiprosa* (1967) o poeta escreve e intenciona a interpretação do cotidiano, revelando em seu discurso seus anseios para com o que narra de forma intimista. Se a crônica encerra um acontecimento real ou fictício, Drummond utiliza o poema para a reprodução da problemática que percorre uma época a que ele pertence, revelando suas considerações a respeito de determinado fato, pela linguagem e elementos que expressam um cunho pessoal. Para se estabelecer essa



comunicabilidade por meio da crônica entre o autor e a sociedade, a poeticidade que os poemas exprimem permite ao leitor imaginar e recriar imagens, repensar situações, e comprovar fatos, assim o receptor participa da criação literária, porque o autor consegue alcançar o que se esperava, manter uma discussão de ideias e opiniões com seu público.

Drummond une as funções e os valores da crônica (gênero híbrido), poeticidade e informatividade, dentro de *Versiprosa* (1967). Através das palavras, da representação de imagens, personagens e acontecimentos o poeta pretende suscitar no leitor a reflexão daquilo que lê, pois é justamente para o outro que o poeta escreve.

Tendo em vista que as *Cartas Chilenas* pertencem ao gênero epistolar, já que são cartas, e estas têm um remetente, Critilo, e um destinatário, Doroteu, percebemos que a conversa mantida entre Critilo e Doroteu é simples, intimista, pessoal e espontânea. Vejamos como Critilo inicia a quinta carta, como ele mantém uma conversa com Doroteu: “// Agora, Doroteu, enxuga o rosto,/ Que eu passo a relatar-te cousas lindas./ Ouvirás uns sucessos, que te obriguem/ A soltar gargalhadas descompostas,/ Por mais que a boca apertes,/ Por mais que os beijos já convulsos mordas” (GONZAGA, 2006, p. 81). E ao finalizar a epístola, eis a maneira que Critilo se despede de Doroteu: “// Fiquemos, Doroteu, aqui por ora;/ Pois de tanto escrever a mão já cansa./ Em outra contarei o mais que resta” (GONZAGA, 2006, p. 93).

Michel Foucault nos diz quanto ao estilo epistolar que este “podia ser unicamente um estilo ‘simples’, livre na composição, despojado na escolha das palavras, já que cada um deve nele revelar sua alma. A reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda; ela é a do olhar e do exame” (FOUCAULT, 2006, p. 156). Essas cartas abordam um problema político e social, Critilo examina minuciosamente toda a figura de Cunha Meneses, desde sua descrição física até as suas atitudes imorais e vaidosas junto à colônia, Vila Rica. É por meio de seu olhar consistente, que registramos a má administração do governador e de seus atos que desonram as leis da Coroa.

Logo, percebemos o quão são semelhantes em matéria de conteúdo poético os livros *Versiprosa* (1967) e *Cartas Chilenas* (1788): é uma análise e uma crítica de uma série de fatos do contexto a que pertencem, emitem em seu corpo textual uma opinião sobre o que presenciam, embora sejam de gêneros diferentes, apresentam um mesmo parecer diante do narrado: criticam o momento político e o governante da época. No caso de *Cartas Chilenas*, discorre sobre o século XVIII, o representante do rei na colônia, Cunha Meneses. *Versiprosa* (1967) examina o conturbado período político do Brasil na segunda metade do século XX. Trata-se de acontecimentos políticos, de presidentes



nacionais e até da ditadura militar, este período de miscelânea política do nosso país. Não só em matéria de conteúdo esses livros são semelhantes, mas sua composição denuncia a expressividade de ambas às obras, se aproximam por vincular um diálogo com o leitor e pelo material verbal.

Versiprosa (1967) não identifica apenas um remetente para seus poemas, pois os textos foram difundidos primeiramente em jornais da época. Drummond escreve de maneira geral a todas as pessoas, às vezes usa nomes próprios, porém comuns, um João, um José, outras vezes, faz-se íntimo de alguém, chama-o de meu compadre, meu amigo. Vejamos a título de exemplificação alguns versos do poema “Epístola”: “E veio a primavera, João, mas veio/ com este surto de gripe, que anda feio” (ANDRADE, 2002, p. 543-544). Outro poema que citamos é “Candidatos”: “São tantos candidatos! Quantos mil?/ Escolher, meu amigo, é bem sutil” (ANDRADE, 2002, p. 552). Apreendemos que em sua produção literária o poeta começa uma conversa um tanto despreziosa do verdadeiro valor crítico que aspira, porque a matéria de seus versos se faz através de um olhar apurado do contexto social e político.

Cartas Chilenas (1788) não são diferentes, embora as cartas tenham sido expedidas apenas a um destinatário, Doroteu, as epístolas de Critilo circularam por toda a Vila Rica. O conteúdo das missivas é justamente o olhar crítico de Critilo sobre o principal personagem das cartas e suas atitudes, o governador de Vila Rica, Luís da Cunha Meneses. Demonstrando, também, sua indignação e fazendo com que o leitor perceba o que está a acontecer.

O uso da sátira e da ironia e a composição poética

Notamos entre *Versiprosa* (1967) e as *Cartas Chilenas* (1788) que as figuras de estilo que os poetas utilizam se distinguem. Drummond usa da ironia para dizer ao leitor o que pensa sobre o que vê. Gonzaga usa a sátira, mas uma sátira ridicularizante e ferrenha contra o governador Cunha Meneses. Percebemos isso diante dos fragmentos do poema “Reisado do Partido Novo”, de Carlos Drummond e na segunda carta, de Gonzaga:

REISADO DO PARTIDO NOVO

Vamos repartir
o novo partido?
Boa ideia, gente,
pois o Presidente
já está eleito,
e se ele vem no peito,



vai ser um alvoroço,
não nos sobra um osso.
O lombo mais fino,
diz João Agripino
com jeito solene,
será da UDN.
O Cabral (Castilho)
merece o lombinho.
Ao PDC por ora
cabe a chã-de-fora,
Quanto à chã-de-dentro,
ou antes, do centro,
logo, já se vê,
boca o PSD.
Se é bom que nem frango,
salta vivo o Jango.
Mocotó do pé
não sei de quem é.
Mocotó da mão
dá-se à oposição.
A Mário Martins
nem bofe nem rins.
A concha do ouvido
é de Osvaldo Penido.
Nada a Raul Pila,
ausente da fila.
O duro cangote
Ficará pro Lott.
[...]
Está repartido
O novo partido.
(ANDRADE, 2002, p. 569-571 [14-8-1960])

CARTA 2ª

Aquele, Doroteu, que não é Santo,
Mas quer fingir-se Santo aos outros homens,
Pratica muito mais, do que pratica,
Quem segue os são caminhos da verdade.
Mal se põe nas Igrejas de joelhos,
Abre os braços em cruz, a terra beija,
Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,
Faz que chora, suspira, fere o peito;
E executa outras macaquices,
Estando em parte, onde o mundo as veja.
[...]
(GONZAGA, [1788], 2006, p. 49-50)



No poema de Drummond, *Reisado do Partido Novo*, temos de entender primeiramente que reisado é uma festa popular em que se festejam a véspera e o dia de Santos Reis. Assim sendo, quando ele usa a expressão “reisado do partido novo” como título, logo pensamos que o assunto do poema será a descrição de uma festa de um partido que venha a ganhar uma campanha política. Ao tomarmos nota dos primeiros versos do poema “Vamos repartir/ o novo partido?” Verificamos que a pergunta nos proporciona o assunto do poema, o que cabe a quem. Nessa divisão, alguns ficam com uma melhor parte do corte da carne, outros ficam com pedaços miúdos e há aqueles que não recebem nada. Assim se faz a festa política, cabe a alguns bons cargos e negócios por se aliarem a partidos certos e que ganham a disputa política, outros que optaram por coligações erradas perdem sua vez na divisão dos benefícios garantidos. Através da alegoria do corte da carne, dessa divisão entre as pessoas, onde uns recebem partes melhores e outros piores, que percebemos o que se subentende de “repartir o novo partido”.

Deste modo, o poeta conta-nos de maneira irônica e humorada como este partido é dividido, contudo, para que a comicidade seja percebida é necessário que os leitores estejam a par da realidade, do contexto histórico-cultural, para que a interpretação do poema provoque o riso esperado pelo autor.

Na segunda carta, Tomás Antônio Gonzaga se irrita com as ações de Cunha Meneses, considerando-as falsas e dissimuladas, e por meio da sátira o ridiculariza, chamando suas performances de “macaquices”. A sátira que Gonzaga utiliza na composição de seus versos, caracteriza-se pela finalidade de ridicularizar e zombar do governador. Deste modo, segundo Patrícia Rocha Pirolla:

A característica fundamental da sátira é a crítica das instituições ou das pessoas, envolta de uma atitude ofensiva. Procurando demonstrar uma insatisfação com o estabelecido, o satirista é realista e por vezes engraçado. O problema da sátira é sua relação com a realidade, e assim quer expô-la, criticá-la, desvalorizá-la, visando eliminar seus males através das armas da retórica (PIROLLA, 2010, p. 85).

Ainda que a sátira esteja intercalada com a ironia, observamos que as sátiras produzidas em todas as *Cartas Chilenas* (1788), apresentam de imediato ao leitor as considerações de Critilo para com a pessoa que crítica, o fato e a realidade que vivencia. A sátira também é voltada para o escárnio, atacando as atitudes e ações tomadas por Fanfarrão Minésio, então Luís da Cunha Meneses, e seus bajuladores, Robério e Matúsio, dentre outros nomes que pune em suas cartas.



Drummond usa a ironia como forma de dizer aquilo que se tem a dizer de maneira contrária, para assim se chegar ao que quer falar. Um determinado acontecimento se torna um objeto de informação e Drummond faz esta informação se tornar em seus poemas um objeto de análise. Desta maneira, a ironia, por meio da expressividade do tom em que é produzida, realiza uma reflexão dos conflitos da realidade e discute com a sociedade seus problemas, fazendo o indivíduo estabelecer julgamentos das ações humanas.

Os poetas, Gonzaga e Drummond, deixam transpor em suas produções poéticas a sensibilidade para com o evento que narram. A maneira como escrevem apresentam uma linguagem simples e subjetiva, com doses de humor e de crítica. Ambas são de cunho social e comunicacional, revelando as intenções dos autores ao tornar pública sua obra e fazê-la circular pela sociedade; as *Cartas Chilenas* (1788), através de manuscritos, os poemas de *Versiprosa* (1967), por meio dos jornais, veiculando fortes tons de sarcasmo e sagacidade.

Quanto à estruturação poética observamos que ocorre em alguns poemas de *Versiprosa* (1967) a mesma composição estrófica que constam nas *Cartas Chilenas*. Alguns poemas estão escritos de maneira linear, sem divisão estrófica, porém não são compostos por decassílabos brancos, a exemplo temos os poemas do livro *Versiprosa*, “Verão”, “Relatório”, “Epístola”, “Candidatos”, entre outros.

Em *Versiprosa* (1967), a composição estrófica é irregular, não temos uma única forma de estrofe, nem mesmo de rimas, pois há poemas que identificamos rimas e outros não, há poemas em que aparece a divisão por estrofes, em quatro versos, três versos, e em outros, o poema é linear, sem segmentação. Citamos fragmento dos poemas “Cantiga” e “Isto e Aquilo”, de Carlos Drummond de Andrade para que possamos apresentar tais elementos que averiguamos nos poemas:

CANTIGA

Claro janeiro antigo e sempre novo, A
segue a esperança, fluida, no teu rumo. B
Por que, entre as alvíssaras do povo, A
aumentar-nos o imposto de consumo? B

As rosas de Iemanjá, na praia cheia, A
no mar ignoto, enquanto a noite gira, B
são preces amorosas sobre a areia, A
meiga verdade, feita de mentira. B

[...]

(ANDRADE, 2002, p. 517-518 [1-1-1956]) [Grifos nossos]



ISTO E AQUILO

“Zefa, chegou o inverno”, diz o Poeta.	A
Chegou mesmo? chegada tão discreta	A
Que pouca gente viu e tomou nota.	B
Esse frio que aí está não vale um <u>iota</u> .	B
O tempo, como tudo, anda <u>inseguro</u> ,	A
Até parece o Lott, que seu futuro	A
Indaga <i>en effeuillant la marguerite</i> :	B
“Aceito ou não aceito esse convite	B
Que o Último de Carvalho me apresenta	A
Para a pátria salvar, firme, em <u>60</u> ?	A
Que dizem os partidos?” (Os partidos	B
disfarçam, com seus rabos <u>torcidos</u> .)	B
E para seduzir o PSD,	A
o PTB e o P não sei o <u>quê</u> ,	A
redige-se um anúncio longo e <u>exato</u> :	B
Quem quer um marechal pra <u>candidato</u> ?	B
[...]	

(ANDRADE, 2002, p. 560-561 [17-5-1959]) [Grifos nossos]

Percebemos que os poemas se divergem quanto à estrutura das estrofes. Enquanto o primeiro se apresenta em forma de quarteto, o segundo compõe-se de uma forma única e linear. As rimas se classificam em externa, pois os sons das palavras no final dos versos são semelhantes, e, consoante, porque proporciona similaridade nas consoantes e vogais dos vocábulos. Também temos no primeiro poema um tipo de rima denominado cruzada ou alternada, do tipo ABAB, e no segundo poema temos rimas denominadas de emparelhadas, do tipo AABB.

Quanto ao conteúdo dos poemas, em “Cantiga”, temos a esperança que renasce a cada novo início de janeiro. E a cada quatro janeiros temos a esperança de um novo governo que se inicia, prometendo a melhoria do país e uma melhor condição social para a população. Porém, este janeiro, mesmo sendo novo, continua antigo, continua o mesmo, porque nada muda, apenas os impostos persistem em aumentar. No segundo poema, “Isto e Aquilo”, Drummond começa uma conversa com uma senhora, a quem ele chama de Zefa. Essa conversa inicia-se por meio de uma pergunta despreziosa do que verdadeiramente venha a ser o conteúdo do poema: lançar o marechal Henrique Teixeira Lott como candidato a presidência da república em 1960, pela coligação partidária PSD e PTB. A ironia novamente se torna presente através do sentido que as palavras adquirem e possibilitam uma leitura da realidade, do contexto a que se referem,



mas essa ironia só é perceptível para o leitor que a compreende, por isso não depende apenas das estratégias e pretensões do autor.

Ainda discorrendo a respeito do segundo poema *Isto e Aquilo*, de Carlos Drummond de Andrade, um modelo dos vários que compõem *Versiprosa* (1967), este se apresenta quanto à forma, semelhante às *Cartas Chilenas* (1788). Vejamos um fragmento da quinta carta;

Tu já tens, Doroteu, ouvido histórias,
Que podem comover a triste pranto
Os secos olhos de Ulisses.
Agora, Doroteu, enxuga o rosto,
Que eu passo a relatar-te cousas lindas.
Ouvirás uns sucessos, que te obriguem
A soltar gargalhadas descompostas,
Por mais que a boca com a mão apertes,
Por mais que os beijos já convulsos mordas.
[...]
(GONZAGA, [1788], 2006, p. 81) [Grifos nossos]

Enquanto que em *Isto e Aquilo*, de *Versiprosa* (1967), se executam rimas em seus versos, verifica-se que nas *Cartas Chilenas* não há rimas, as cartas são escritas em decassílabos brancos; não há divisão precisa das estrofes, pois não há um número de versos concisos, marcando a unidade do poema. Afrânio Coutinho, fala-nos que nas *Cartas Chilenas* (1788) há “estrofes de decassílabos e heroicos quebrados, para o perfeito equilíbrio dos sons agudos e graves, para a correlação entre sons vocálicos e consonantais, que estruturam internamente o verso” (COUTINHO, 2004, p. 234).

Na sua composição Gonzaga usa de personagens mitológicos, uma peculiaridade da Arcádia, para marcar uma personalidade ou caracterizar uma personagem, ou atribuir atitudes e qualidades a alguém. É característico desse poeta repetir de verso a verso ou no mesmo verso, um vocativo ou vocábulos, reafirmando o que tem a dizer. Às vezes emprega expressões, adjetivos ou substantivos que a nós nos parecem de cunho grosseiro e preconceituoso, como por exemplo, “o vil mulato”, “letrado nobre”, “Tem postas nos narizes as cangalhas”, “beijos”, ou sensual, como, “A lasciva embigada”. Essas expressões podem nos parecer preconceituosas, mas são expressões e palavras comuns do século XVIII, que demonstram a condição de sua época para com determinado fato ou pessoa, esses aspectos, porém, não anulam o valor crítico e poético de sua obra.

Versiprosa (1967) difere-se neste ponto em relação às missivas de Gonzaga, não há expressões que conduzam ao preconceito, ao racismo ou ao constrangimento. Mas ressaltamos



que diferem apenas na forma, porque em conteúdo são precisamente próximos, pois a expressividade do discurso, o estilo da escrita e o teor crítico e ideológico que nesses livros são difundidos os fazem equivaler e equiparar-se.

Tomando *Versiprosa* (1967) como foco de nossa pesquisa, notamos que neste livro a composição estrófica dos poemas se dá de forma explicitada como foi acima, para que o poeta possa dessa forma desenvolver o enredo das narrativas entrelaçadas nos versos dos poemas. De tal modo, faz o encadeamento dos fatos, dos acontecimentos, utilizando recursos expressivos como tons graves, exclamativas, interrogativas, vocativos, fazendo ressoar sua voz, sua opinião através dos versos.

Contudo, diante destes recursos expressivos, a função do leitor que lê este livro é ficar atento ao engajamento das ideias, assim como das propostas ideológicas, a carga semântica do discurso que se constrói através do eu lírico, e as possíveis denúncias de fatos ocorridos entre 1954 a 1967, tempo em que *Versiprosa* (1967) foi sendo escrito.

Uma questão de intertextualidade

Podemos ainda falar de uma possível intertextualidade entre os livros *Versiprosa* (1967) e as *Cartas Chilenas* (1788). Já que identificamos que o texto de Drummond, de maneira subentendida faz um diálogo com o texto de Gonzaga. Aproximam-se pela maneira que os poetas, dos respectivos livros, utilizam-se de recursos expressivos semelhantes, deste modo, podemos falar de uma possível intertextualidade estilística que ocorre, segundo Ingedore G. Villaça Kock:

quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade (KOCH, 2008, p.19).

Percebemos essa intertextualidade estilística em *Versiprosa* (1967), quando notamos a forma em que certos poemas são escritos, de maneira linear e contando-nos fatos do cotidiano, assim ocorre em *Cartas Chilenas* (1788). O estilo como o autor de *Cartas Chilenas* (1788) escreve é imitado em *Versiprosa* (1967) quando Drummond faz uso de interrogativas diretas e de vocativos ao estabelecer um diálogo com o leitor.

Essa intertextualidade é procedente do conhecimento prévio do leitor dos dois livros em análise, também de sua percepção diante da leitura deles, pois, “o fenômeno da



intertextualidade, entendido em termos de uma manifestação da natureza dialógica da linguagem humana” (CAVALCANTE, 2007, p. 128). É uma maneira de perceber que determinados textos, mesmo sendo de gêneros, de poetas e de épocas diferentes, ou mesmo um escritor sem a intenção de imitar a escrita do outro, pode ocorrer casos em que um texto vai proferir em mesmo tom e com equivalências de palavras, de expressões e de estilo uma mesma mensagem de outro texto, portanto chamamos esse tipo de intertextualidade de intertextualidade implícita, que ocorre, segundo Koch:

quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário (KOCH, 2008, p. 30).

Drummond não anuncia e não faz menção em seu texto do poeta Tomás Antônio Gonzaga como fonte de inspiração ou criação, talvez nem seja intenção de Drummond produzir poemas que remetessem à escrita e ao estilo utilizado por Gonzaga, mas foi o que constatamos em nossa pesquisa.

Neste primeiro momento, fizemos uma análise dos livros *Versiprosa* (1967) e *Cartas Chilenas* (1788), quanto à composição poética e aos recursos expressivos em que averiguamos semelhanças e diferenças entre as duas obras. Deste modo, percebemos o diálogo com a tradição, as equivalências que há em *Versiprosa* (1967); quanto ao estilo do poeta de se dizer ou contar um acontecimento, a maneira de se dirigir ao leitor, o modo como os textos circularam na sociedade e o fato de retratarem uma época de conturbado período político; igualmente, percebemos que se faz presente o mesmo material poético em *Cartas Chilenas* (1788).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Versiprosa*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1967]2002.

ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros literários. In: SAMUEL, Rogel. *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira e Marina Appenzeller. 2 ed. São Paulo Martins Fontes, 2003.



CANDIDO, Antonio. O poema satírico e herói-cômico. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos)*. 7 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CANDIDO, Antonio. Os ultramarinos. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. Dimensões sociocognitivas do fenômeno da intertextualidade. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Ensaio sobre leitura 2*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

COUTINHO, Afrânio. Era neoclássica. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. *Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FURTADO, Joaci Pereira. *Uma república de leitores: história e memória na recepção das Cartas Chilenas (1845-1989)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas [1788]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

MALARD, Leticia. *No vasto mundo de Drummond*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 1983.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAZ, Octavio. A consagração do instante. In: PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PIROLLA, Patrícia Rocha. *O humor em poemas: o estudo do cômico em Carlos Drummond de Andrade*. Araraquara: EDUSP, 2010.